



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - PORTUGUÊS E SUAS LITERATURAS

DÉBORA APARECIDA DA SILVA CARVALHO

UMA ANÁLISE DO LIVRO “A ODISSÉIA DE HOMERO SEGUNDO JOÃO VITOR”
PELA VIA DO LETRAMENTO LITERÁRIO

ARAGUAINA – TO

2018

DÉBORA APARECIDA DA SILVA CARVALHO

UMA ANÁLISE DO LIVRO “A ODISSÉIA DE HOMERO (segundo João Vítor)” PELA
VIA DO LETRAMENTO LITERÁRIO

Trabalho de Conclusão de Curso de licenciatura do curso Letras em habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas apresentado à Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Araguaína, para a obtenção do grau de graduado em licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Araújo de Melo

ARAGUAÍNA TO

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

C331a Carvalho, Débora Aparecida da Silva .
Uma análise do livro "A Odisseia de Homero (segundo João Vitor)" pela via do Letramento Literário : Uma análise do livro "A Odisseia de Homero (segundo João Vitor)" pela via do Letramento Literário . / Débora Aparecida da Silva Carvalho. – Araguaína, TO, 2018.
44 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Araújo Melo

1. Literatura. 2. Leitura. 3. Livro. 4. Leitor. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Dedico esta monografia aos meus pais Maria e José, ao meu marido
Braulio e aos meus filhos Lucas e Maria Gabriela.

DÉBORA APARECIDA DA SILVA CARVALHO

UMA ANÁLISE DO LIVRO “A ODISSÉIA DE HOMERO (segundo João Vítor)” PELA
VIA DO LETRAMENTO LITERÁRIO

Monografia apresentada ao curso
de Licenciatura em Letras, como
requisito obrigatório para a
aprovação na disciplina de
Trabalho de Conclusão de Curso
II.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Araújo de Melo

DATA DE APROVAÇÃO ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Márcio Araújo de Melo

(Orientador)

Prof. Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva

(Membro Interno)

Prof. MSc. Naiane Vieira dos Reis

(Membro Externo)

AGRADECIMENTOS

Com muita alegria agradeço primeiramente a Deus, que de me deu forças para continuar nesta graduação tão desejada, me ensinou a ter paciência para caminhar e seguir em frente. Agradeço infinitamente aos meus pais, José Edvaldo da Silva e Maria de Lourdes Ferreira da Silva, que sempre me incentivaram a estudar e, o mais importante, sempre me deram livros, como pais tão dedicados e amorosos. Ao meu esposo Bráulio, amor da minha vida obrigada pela sua paciência e compreensão nos momentos de estresse nas noites que eu não estava presente em casa e você cuidou dos nossos tesouros com todo o amor, sempre me esperando para comermos juntos: te amo vida. Meus mais sinceros agradecimentos ao meu sogro e minha sogra, Helena e Balker, por fazerem parte da minha vida, a minha sogra em particular, que me ajudava nos cuidados com a Maria Gabriela para que eu pudesse estudar.

Já com saudades, dedico também este trabalho aos meus amigos de graduação Felipe, Jherlisson, Anne, Edmaira, Thais Helena, Thais, Raquel e Andréia que, nas horas difíceis, estavam ali para ajudar e apoiar uns aos outros. Ufa! Quantos momentos hein galera? Meus agradecimentos ao meu querido amigo e professor Wallace Rodrigues que durante minha graduação sempre me aconselhou a não desistir.

Não posso me esquecer do professor Orestes Branquinho Filho, pessoa incrível de uma inteligência brilhante, leitor nato que me ajudou muito com seu conhecimento e honestidade. Foi um prazer lhe conhecer.

Agradecimento aos meus filhos, que são a razão do meu esforço. Sem eles nada faria sentido porque tudo em minha vida é para eles.

Meus sinceros agradecimentos ao Professor Dr. Márcio Araújo de Melo, que ao longo das orientações mostrou o seu carinho e dedicação enquanto profissional apresentou-me o letramento literário com maestria e fazendo-me apaixonar ainda mais pela literatura com suas aulas. Fazendo isso de forma sincera, mas com muito carinho e compreensão. Sempre me deixando à vontade no momento de escrever e constantemente aberto a diálogos e discussões.

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente me ajudaram a conquistar este sonho. Nunca deixei de sonhar e este sonho está chegando a sua maior realização.

“A Verdadeira coragem é ir atrás de seus sonhos mesmo quando todos dizem que ele é impossível.”

Cora Coralina

RESUMO

Esta pesquisa apresenta como proposta a discussão sobre a boa literatura, o clássico, o gosto e o prazer de ler livros aclamados ou não pelos adeptos da leitura. Ressalta a importância dessa forma de comunicação social dentro do ensino de literatura, como gênero textual, e como ferramenta pedagógica dentro da sala de aula. Para tanto, houve como metodologia de pesquisa o levantamento bibliográfico, com consulta ao acervo, para a obtenção de dados que compõem o corpus desse trabalho, que se analisou as relações de mensagens e semelhanças entre esses textos. Para tanto, houve como metodologia de pesquisa o levantamento bibliográfico, Cultura Letrada, Introdução da Teoria Literária, O último Leitor, Os prazeres da Leitura Literária, entre outros, onde se analisou as relações de mensagens e semelhanças entre esses textos. Para o alinhamento teórico alguns autores, como ABREU (2006), EAGLÍTON (2006), PÁGLIA (2006), MANGUELE (2001), CHARTIER (2001), COSSON (2012), CÂNDIDO (1995,1997), pesquisadores, que sustentam a idéia apresentada, foram consultados para fundamentar este trabalho. Percebemos ainda que, com o desenvolvimento da tecnologia, estamos perdendo o prazer de ler literatura, pois a racionalidade e o conhecimento atingem seu ápice na história da humanidade. Ao mesmo tempo constatamos a decadência moral e o barbarismo em que vivem as sociedades. O projeto foca em como se dá a formação de leitores, qual a ligação de leitores com clássicos e qual o critério para gostos e prazer de ler, e o enfoque nos livros, analisamos e exploramos o livro “A Odisséia de Homero (segundo João Vítor), do autor Gustavo Piqueira para mostrar como apresentar uma literatura tão abrangente e complexa para leitores novos e inexperientes.

Palavras-chave: Literatura; leitura; livro; leitor;

ABSTRACT

Opinion polls are proposed and reviewed on literature, the classic, the taste and pleasure of reading books, or are not done with reading. Highlighting a form of social communication within the teaching of literature, as it is textual, and as a pedagogical tool within the classroom. "For this purpose, a methodology of search of bibliographical researches, and a collection of research, for the search of data on the body of work, analyzed the relations of messages and expressions between texts. Literature, Literary Theory, Introduction to Literary Theory, Eighth Reader, The Pleasures of Literary Reading, Among Others, for the Aramação (2006), Páglia (2006), Manguel and Chartier (2001), COSSON (2006), and the literature on the relationship between messages and similarities between texts. (2012), CANDID (1995), EAGLETON (1997), among other researchers, who sustentatedideapresented, were consulted to substantiate this work. to live the pleasure of literature, the rationality and the knowledge of their life in history, but it seems contradictory to notice a moral decadence and the barbarism in which they live as societies. The project focuses on how readers are trained, which is the link between readers with the oldest and most qualified for pleasure and the likes of reading, and focus on the books, so we will analyze and explore the book "The Odyssey of Homer according to João Vítor, "From the author Gustavo Piqueira and the presentation of a comprehensive and complicated initiative for new and inexperienced.

Keywords: Literature; reading; book; reader;

LISTA DE SIGLAS

DNA:Ácido Desoxirribonucléico

BMW:Fábrica de Motores da Baviera- (**BayerischeMotorenWerke**)

Sumário

Introdução	11
Capítulo I.....	14
1. O que dizem os PCNs sobre o estudo da literatura e a leitura.....	14
2. A Literatura e a Formação de Leitores.....	15
3. O letramento como fomentador da Leitura.....	17
4. O que é ler Literatura.....	22
5. Há de fato um leitor literário? E este leitor pode ser formado pela escola?.....	25
Capítulo II.....	28
6. Uma breve análise do livro A Odisséia de Homero (segundo João Vítor), do escritor Gustavo Piqueira	28
7. Considerações Finais	36
8. Referências	38
9. Anexos.....	40

INTRODUÇÃO

Muito se fala e se discute a respeito do papel da literatura na formação estudante da educação básica como leitor literário, quando muitos conceitos e definições aparecem. Ao longo da minha caminhada como estudante do curso de Letras, na Universidade Federal do Tocantins, eu tive a experiência nos estágios como professora, podendo notar que as aulas de literatura não eram tão proveitosas quanto eram na minha época de estudante. Ainda que sejam realidades e contextos diferentes, pode-se pensar que nessas aulas, que foram observadas, não havia estímulos para que os alunos pudessem se interessar pelas leituras literárias e os livros como algo maravilhoso. As aulas, em relação à leitura literária, pareciam uma mera obrigação a ser cumprida para a obtenção de “pontos extras”. Também notei que os professores não tinham tanto prazer em estimular esses alunos para o ato da leitura. A partir dessas rápidas observações empíricas, pode-se desdobrar em alguns questionamentos sobre se saber o que viria a ser uma “boa literatura”, “seus prazeres”, “seu gosto”, “bem como o que seria ler literatura”. Longe de acreditar em uma pretensão de respostas acabadas, tem-se, nesse ensaio, o objetivo de discutir acerca de tais questões, sobretudo a partir do livro “A Odisseia de Homero segundo João Vítor”, de Gustavo Piqueira (2013).

Para tanto, parte-se da ideia de letramento, como um conceito que ainda soa como novidade para muitos, mas que tem sido amplamente difundida nos meios acadêmico e escolar. O que antes era visto como uma mera novidade ganhou espaço nos cursos de licenciatura, formação de professores e em pesquisas acadêmicas.

Letramento apresenta-se como um processo em que o ensino da leitura e da escrita acontece dentro de um contexto social e que essa aprendizagem faça parte da vida dos alunos efetivamente. As habilidades adquiridas na escola devem fazer parte das relações comunicativas dos indivíduos. Soares (1998) aponta que “o Letramento tem um sentido ampliado da alfabetização, pois consiste em práticas de leitura e escrita, que vão além da alfabetização funcional, em que indivíduos são alfabetizados, mas não sabem fazer uso da leitura e da escrita; muitos não têm habilidade sequer para preencher um requerimento”.

O processo de alfabetização pode acontecer a partir de outros suportes, como jornais e revistas, não ficando restrito apenas ao livro didático, para que as habilidades de leitura e escrita aconteçam dentro de situações reais de comunicação, sem falar na riqueza de imagens

e diversidade de gêneros textuais que esses suportes apresentam, o que poderia contribuir com a visão crítica e cidadã dos envolvidos no processo de aprendizagem.

As pesquisas da área de ensino indicam que ler é essencial, fundamental, urgente e insubstituível. Elas também indicam que o papel do professor, como mediador das leituras, é também decisivo para o fomento da literatura. Apesar disso, formar leitores tem-se tornado uma tarefa bem difícil, tal é a complexidade dos professores em trazer textos que serviriam de grandes motivadores para a formação dos alunos. Nesse aspecto surgem algumas reflexões para quem estuda a leitura e a literatura: de que maneira suas ações se constituem como um bem cultural e de que maneira a escola contribui para o alargamento social da leitura, sobretudo, a “leitura literária”?

Os motivos parecem ser diversos, “falta/restrição de tempo”, “formação cultural”, “baixo poder aquisitivo para comprar um livro”, a própria “escola que deve seguir um padrão educativo”, a formação do professor, a participação dos pais que é imprescindível na formação dos seus filhos, enfim, diversos são os motivos que levam uma pessoa a não se interessar por leitura.

Por ser a escola a instituição responsável, oficialmente, pelo letramento e pela difusão da literatura e, por entender que a Leitura Literária compreende não só as práticas de Leitura, mas também a difusão dos bens culturais que nos cercam, acreditamos que ela (a escola) ocupa ainda uma posição definidora para a consagração ou para o esquecimento dos textos literários. Sejam eles pertencentes ao cânone ou não, uma vez que ao interpretar uma obra literária o leitor pode reconhecer valores universais que pertencem (ou pertenceram) a determinadas sociedades e culturas, pois a literatura é eminentemente pedagógica, porque instiga reflexões e gera aprendizagens. (SILVA, 1990, p. 29).

Obras que causam tanto estímulo nos jovens para a leitura, como os casos de *Harry Potter* (2000) de J.K Rowling, *Percy Jackson* (2008) de Rick Riordan, *Crepúsculo* (2008) de Stephenie Meyer e *A Culpa é das Estrelas* (2013) de John Green, são realmente tão ruins que devemos excluir das leituras do âmbito escolar. Por outro lado, depois de tantos anos, presos em uma linhagem tradicional que não tem mostrado avanço, não seria o momento de tentar ter uma visão mais aberta do que se trabalhar em sala de aula ou de permitir que os alunos estudem também livros de que gostem?

A indicação de um livro como a *Odisseia* de Homero sem ao menos preparar o aluno para a leitura, e impondo a este jovem que entregue um trabalho para não reprovar de ano,

faria dele um grande leitor, ou um leitor que no seu futuro não se interessaria pela literatura? São perguntas que nos fazem refletir sobre o julgamento prévio desses leitores.

Assim, esta monografia surgiu com o intuito de ajudar a compreender o conceito de leitura literária e as literaturas canonizadas. Pretendemos ampliar a noção de leitura literária nas escolas, analisando a ideia de literatura canonizada e best sellers, a ideia de professor/aluno, bem como a ideia de livro e seus diversos modos de ler. O trabalho se divide duas partes: na primeira, apresentaremos aspectos teóricos sobre a formação de leitores, conceitos de letramento, literatura. A segunda parte terá cunho analítico sobre a obra *A Odisseia de Homero (Segundo João Víctor)*, de Gustavo Piqueira.

CAPÍTULO I

1.O que dizem os PCNs sobre o estudo da literatura e a leitura

Devemos instruir os alunos a produzir uma consciência crítica, a partir de um olhar que perceba a leitura literária não com objetivos pedagógicos, mas que a veja como capaz de dar ao leitor prazer no ato de ler. A leitura é uma ferramenta indispensável para a profissão docente, mas, para Rubens Alves (2004), “nas escolas não é possível fazer com que os alunos aprendam a amá-la e sim instruí-los para o caminho que levem ao prazer de ler”. Nessa perspectiva, é responsabilidade tanto da escola como da família a função de contribuir para o desenvolvimento e do gosto pela leitura. O professor deve estar consciente de motivar e incentivar a criança para que tenha empenho a favor do desenvolvimento dos aspectos históricos que motivem a leitura.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do ensino fundamental, a leitura possui uma função de extrema importância no ensino-aprendizagem dos alunos, uma vez que a partir do desenvolvimento da sua competência leitora. Esses alunos poderão se tornar proficientes em todas as disciplinas. Tal competência, por sua vez, será construída pelas práticas de leitura presentes dentro da sala de aula, com a finalidade de formar leitores e produtores de textos aptos para o manejo claro e definido de diversos gêneros textuais.

Segundo as orientações dos PCN

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de formas a atender a essa necessidade. (BRASIL, 1998; p. 15).

Esse documento também diz que as atividades de leitura espontânea e de contar aos colegas o livro lido são importantes para o processo de letramento literário e de mediação da leitura literária:

O professor deve permitir que também os alunos escolham suas leituras. Fora da escola, os leitores escolhem o que lêem. É preciso trabalhar o componente livre da leitura, caso contrário, ao sair da escola, os livros ficarão para trás. (BRASIL, 1998, p. 17)

Sendo assim, para formar um leitor competente, faz-se necessário que ele saiba não apenas compreender o que lê e que saiba posicionar-se na busca de informações implícitas, que se ancoram nos dados não fornecidos pelo autor, mas que também saiba escolher sua leitura fora da escola, tornando-se um leitor capaz de decidir o que ler e o modo de ler. Para

isso, esse leitor precisa de práticas constantes de leitura de textos diversos que circulam socialmente.

Segundo os PCN, é necessário mostrar ao leitor que a leitura não é simplesmente um conteúdo que atravessa os vários componentes da matriz curricular escolar. Em outras palavras, o leitor deverá perceber que a leitura está presente em todas as esferas sociais e que ela deve ser uma prática social. Portanto, a leitura não deve e nem pode ficar restrita a uma atividade presa à esfera escolar, mas sim como catalisador de suas relações sociais.

Neste sentido, uma prática constante de leitura na escola deve admitir diversas leituras, contrariando a antiga idéia de leitura única. Cabe ao professor permitir e incentivar diferentes leituras do mesmo texto, ou seja, realizar um trabalho que faça seu aluno consolidar as estratégias de leitura, confirmando ou refutando suas hipóteses. A verificação dessas estratégias possibilitará ao professor avaliar o sentido constituído pelo aluno.

2. A Literatura e a Formação de Leitores

Ao ler estamos nos posicionando diante do mundo, mas, ao mesmo tempo, esta nossa posição depende do que construímos sobre esse mundo, a partir das possibilidades com que fomos introduzidos a esse universo vasto e fantástico da literatura. O processo de leitura literária acontecerá por diversos fatores, fatores estes que nos mostrará o qual é o estágio em que cada leitor se encontrará como a condição étnica, geográfica e cultural que nos possibilita ir adiante ou ficar onde estamos nos nossos conhecimentos. No âmbito escolar, os alunos são instruídos a ler alguns títulos estipulados pelas instituições escolares e para realizar alguma tarefa avaliativa, ou quando solicitado por algum componente curricular, especificamente para o de língua portuguesa.

A leitura possui inúmeras finalidades. Dentro á escola, sobretudo no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem, é possível dizer que, na maioria das vezes, lê-se para fazer resumos; para ser avaliado; aprender gramática; suprir as necessidades de seleções classificatórias. Tais práticas de leitura, infelizmente, têm sido comuns nas escolas. As atividades de leituras nas escolas não precisam ocorrer somente em sala de aula, elas devem perpassar os seus muros, para que se alcancem novos horizontes; sobretudo o ambiente familiar. A escola deve preconizar as leituras literárias para que possamos ver a transformação do aluno, tornando-os sujeitos com uma capacidade cognitiva e de maior compreensão do mundo. Ela também deve disponibilizar a esses alunos a confiança para que possam decidir o

que ler, sejam essas leituras literárias ou não. Afinal, quando conseguimos transformar os alunos em leitores, eles poderão decidir qual será o caminho a seguir e qual seleção de livro será o melhor para levar por toda a vida.

Atribuir pontuação para o aluno a cada leitura de um livro não significa que teremos a formação significativa de leitores, e, por outro lado, pode fazer com que eles não saibam qual é o verdadeiro prazer em ler. As escolas seguem um padrão pedagógico tradicional perdendo neste momento seus alunos/leitores, pois desta forma não haverá um interesse pela obra, porém o interesse pelo ponto extra. O aluno deve sentir-se confiante para expor suas ideias diante de uma leitura para que o gosto por livros seja alcançado. O próprio professor, como mediador, deve também ser um leitor, propiciando para seus alunos textos que os agradem e os estimulem ao hábito e o prazer da leitura.

Sendo para a educação ou para o prazer, a literatura nem sempre está sendo transmitido da forma adequada. O docente deve fazer com que os alunos entendam que através dela é possível imaginar, sentir, criar e recriar. No entanto, é importante que os estudantes enxerguem a literatura como algo bom e prazeroso. Tanto que uma de suas funções está na capacidade que possui em humanizar, como se pode observar pela fala de Rildo Cosson: “A literatura tem a função social de construir e reconstruir o que nos humaniza” (COSSON, 2012, p. 23).

Segundo Roland Barthes (1978), “a linguagem literária não necessita de regras de estruturação para se fazer compreender” (p.12), isso nos permite entender que essa linguagem não obedece a regras e estruturas fixas, de maneira que o aluno acaba por não ser obrigado a emoldurar seus pensamentos em tais estruturas, pois ele é livre para escolher uma que lhe permita refletir e visualizar a literatura como uma arte capaz de representar/demonstrar a sua realidade.

Cosson afirma que, “para promovemos o letramento literário, é necessário ir além da simples leitura do texto, nossos mecanismos de interpretação acontecerão de forma gradual e coletiva e a escola é o principal aporte para tal interação”. Fora da escola, lemos textos literários com prazer, sem que ninguém nos dê instruções, já na escola é seguido um padrão estabelecido para que o maior número de livros seja lido, e talvez mal interpretados. Quando lemos, fazemos uma ligação do nosso mundo com o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro. COSSON (2012, p. 27) afirma que

Ler implica troca de sentido não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço. COSSON (2012.p.270)

Não podemos chegar ao texto com ideias pré-estabelecidas ou inalteráveis. A experiência também nos mostrou que não basta colocarmos os livros à disposição de crianças e jovens pra que eles compreendam a importância desse capital cultural e sejam seduzidos pela leitura. Essas iniciativas – que têm sustentado muitos projetos – não obtêm os efeitos desejados, pois se preocupam prioritariamente com a ampliação do acesso, mas não atentam para dois aspectos também importantes quando se deseja formar leitores: a qualidade dos livros oferecidos e a qualidade das interações que se estabelecem entre a língua e a linguagem por meio deles nas diferentes situações de leitura, pois, ao invés de interagir, com o texto o leitor acaba se fechando somente para o seu modo de interpretação, tornando a leitura sem sentido e difícil, assim, um texto só se tornará viável através de seu leitor, só se tornará texto se houver um leitor, é preciso tornar a leitura significativa para que haja um propósito a ser alcançado dando a este aluno autonomia para que suas escolhas sejam realmente importantes.

A leitura não deve ser meramente imposta com a finalidade de absorção de ideias impostas e ou julgamentos de aprendizado derivados de uma conjuntura hierárquica fixada, mas convidativa para aperfeiçoar e ampliar a vasta existência do ser.

3. O letramento como fomentador da Leitura

Dentre os inúmeros objetivos para a presença da leitura de diferentes textos, inclusive dos textos literários nas escolas, a formação de leitores é, sem dúvida, aquele que mais tem perdurado. Não é ocasional, portanto, que a escola venha se firmando com esse intuito de ensinar a ler e escrever, numa perspectiva que envolva as várias possibilidades de letramentos.

Para se discutir sobre a importância do letramento literário na construção da identidade linguística e cultural de uma sociedade que se pretende letrada, primeiramente se fazem necessário conceituar os termos letramento e letramento literário. Magda Soares (2009, p. 57), em *Letramento: um tema em três gêneros*, afirma que o “letramento é o uso da leitura e da escritura em práticas sociais”, isto é, o letramento designa o estado ou condição em que vivem e interagem indivíduos ou grupos sociais letrados. Para a autora, “letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto em que a escrita e a leitura

tenham sentido e façam parte da vida do aluno” (2009, p. 58). Conduzir os diversos tipos de expressões textuais, criando a relação com as práticas de leituras dentro de seu contexto histórico.

O sentido ampliado da alfabetização, isto é, o letramento, designa práticas de leitura e escrita, as quais abrangem tanto a apropriação das técnicas para a alfabetização quanto o convívio e o hábito de utilização social da leitura e da escrita. Cosson (2011, p. 106) afirma que o maior objetivo do letramento literário nas escolas é formar “um leitor capaz de se inserir em uma comunidade, manipular seus instrumentos culturais e construir com eles um sentido para si e para o mundo em que vive” Os estudos do letramento literário têm abordado questões importantes de pesquisa, dentre elas e que interessam à nossa reflexão, podemos citar: o processo de escolarização da literatura e as práticas de formação de leitores.

Em um mundo tão coberto pela tecnologia, facilidades e praticidades, despertar o desejo e o gosto pela leitura em jovens está se tornando uma tarefa bem complexa e difícil. Como competir com as inúmeras telas, sejam elas de telefone celular, seja de computadores ou tablets, que quase sempre são usadas com outras finalidades, em redes sociais ou assuntos voltados ao mundo jovem. Em meio a tantos preconceitos existentes na sociedade, em meio a tantos problemas voltados a diversas esferas sociais, há um que tem se ressaltado cada vez mais no ambiente escolar e/ou fora dele: o preconceito literário, pois nos tempos em que estamos vivendo ler para alguns torna-se algo perigoso, então se todas as leituras forem controladas subjulda-se que haverá um controle maior sobre estas pessoas (leitores).

Com o crescimento “considerável” de leitores de “best-seller” pelo país, como se vê, por exemplo, pela presença de obras como: *Harry Potter* (2000) de J.K Rowling, *Percy Jackson* (2008) de Rick Riordan, *Crepúsculo* (2008) de Stephenie Meyer e *A Culpa é das Estrelas* (2013) de John Green, surgem às divergências e críticas sobre esta leitura de grande consumo, e que na maioria das vezes são qualificadas como leituras ruins ou inapropriadas. Antonio Candido (1995. p.117) afirma que a “Literatura desenvolve em nós a sensibilidade, tornando-nos mais compreensivos, reflexivos, críticos e abertos para novos olhares e possibilidades diante da nossa condição humana”. A leitura sendo ela canonizada ou não nos permite refletir sobre o mundo em nossa volta, abrindo nossos horizontes, ampliando os conhecimentos, possibilitando novas perspectivas.

Mariza Lajolo (1995), em *Literatura: Leitores & Leitura*, através da amostra de exemplos literários de 25 séculos – desde Platão e Aristóteles até o mais novo *best-seller*–, observa que a “literatura não pode ser definida, ou melhor, pode sim, mas somente pelo

próprio leitor, individualmente e naquele instante da sua vida”. Em seu livro, Lajolo (1987, p. 25) esclarece que “para o entendimento” da “arte literária” “não existe” uma resposta correta, porque cada tempo, cada grupo social tem sua resposta, sua definição para literatura.

Com uma linguagem muito leve, beirando, muitas vezes, a um “papo entre adolescentes”, a autora utiliza trechos de músicas, poemas, obras, pichações, cantigas e histórias populares conhecidas para ilustrar que literatura é tudo isso, não apenas aquilo que os círculos acadêmicos mais tradicionais preconizam. Segundo Mariza Lajolo existe prosadores e poetas, que deram soberania a outros escritores e, inclusive, até leitores para chamar ou não suas obras de literatura. De acordo com ela, tanto pode ser, como não ser literatura, os poemas que guardamos com carinho, os romances que sequer foram publicados, peças de teatro esquecidas pelo tempo, ou mesmo aqueles livros que nenhum professor indica, mas que gostamos de ler. Tudo depende do sentido que temos ao interpretá-los. Algumas pessoas definem literatura como sendo algo que a gente escreve, mas precisa que outros a leiam, precisam de um envolvimento social pelo qual a obra deve passar antes de chegar a ser vendida.

Lajolo (1995, p. 17) diz que “a literatura iguala-se a qualquer produto produzido e consumido em moldes capitalistas”. Assim, entendamos que uma obra para ser considerada literatura é preciso que tenha certa tradição cultural, e ainda diz mais, “a obra literária é um objeto social que necessita que alguém a escreva e que outro a leia para existir”. Essa relação estabelecida entre produtor e consumidor é mediada por muitas instâncias; o editor, o distribuidor, o livreiro etc. Em texto intitulado “Texto não é pretexto” (LAJOLO(1982), Mariza Lajolo aponta o hábito de muitos professores utilizarem a literatura para o ensino de questões externas ao literário, tais como a gramática e os valores morais e éticos. A mesma autora, 27 anos após a publicação deste texto, apresenta uma releitura dele sob o título: “Texto não é pretexto: será que não é mesmo?”. Entre as reconsiderações sobre suas opiniões anteriores, menciona acreditar ser fundamental considerar os aspectos sociais da leitura. Ela cria em cada leitor aquilo que os sentidos o levam a interpretar. Através da leitura podemos vivenciar aquilo que lemos e criar dentro de nós a imagem proposta pelo texto.

Aprendi que no texto inscrevem-se elementos que vêm de fora dele [do leitor] e que os sujeitos que se encontram no texto – autor e leitor – não são pura individualidade. São atravessados por todos os lados pela história: pela história coletiva que cada um vive no momento respectivo da leitura e da escrita, e pela história individual de cada um; é na interseção destas histórias, aliás, que se plasma a função autor e leitor. (LAJOLO, 2009, p. 104).

O gosto pela leitura começa pela forma como os leitores são inseridos no mundo dos livros. Evidentemente existe uma enorme diferença entre uma criança que desde a infância se envolve no mundo da leitura e um adolescente ou adulto que o fazem tardiamente, portanto, a família será uma das peças fundamentais para tal apreço, sendo a escola a continuidade, e funcionarão como espaços instituidores de competências necessárias aos alunos, para atuarem em diferentes campos.

A escola tem um papel de grande importância na formação do leitor. Nos primeiros anos escolares o aluno deve ter contato com as obras literárias de mais fácil entendimento, mitos, histórias, contos, poesias. Qualquer que seja a sua forma de expressão, a literatura é uma das mais nobres conquistas da humanidade. Quando estes futuros leitores chegarem ao ensino médio terão uma bagagem mais ampla, à medida que se avançam na escolaridade aumenta a exigência de uma leitura independente por parte dos alunos. Roland Barthes (2009) explica que alguns teóricos viam a Literatura como um discurso que estava acima de outros discursos, exatamente porque ela não é apenas um caminho, mas uma respiração da essência e do viver da arte da palavra. Representada pela poesia, pelo conto e pelo romance, gêneros discutidos no contexto das maiorias das publicações, a literatura leva o leitor a um processo de aprendizagem infinita, desde que a leitura, em seu sentido amplo e verdadeiro, seja o fio propulsor. Nesse processo, o convívio diário com a Literatura, em suas várias manifestações, gera um sabor inigualável.

Mas certamente o sabor da literatura no ambiente escolar terá uma eficiência melhor e bem mais degustada quando a leitura é mediada. Neste caso, a tarefa do professor em direcionar o estudo de poesias, contos e romances deve fazer parte de suas atividades práticas em sala de aula, trazendo ao seu aluno à possibilidade de interagir de forma maravilhosa com outras culturas, prazeres, lugares, pensamentos. Assim a experiência com os livros torna-se mágica como, por exemplo, em “As mil e uma noites” (1993), Scherazade mantém sua vida intacta narrando histórias ao sultão, uma noite tornou-se mil, o maravilhoso estará presente em nossa imaginação. Para que o aluno conheça este mundo maravilhoso do livro, ele deve também ser protagonista de suas escolhas de leitura.

Segundo Abreu:

Muitas vezes ignoramos o fato de que a literariedade não está apenas no texto, não é apenas um dado interno a obra, mas está presente também na maneira como um texto é lido, no contexto em que é lido, sem falar em dados como quem é o autor e qual a época em que foi criada a obra, que também interferem diretamente sobre o valor literário de um texto. (2006, p.38).

Pensando neste argumento como poderíamos formar leitores dizendo a eles o que ler sem ao menos dar a eles a oportunidade de escolher suas leituras, para que assim possam ter uma liberdade estética e autônoma quanto a sua identidade cultural e social. Mesmo se uma obra possuir um tratamento mais sofisticado com a linguagem, que não faz parte do contexto de nossa época, se esta obra for de um autor como Machado de Assis, ela automaticamente é colocada como uma obra canônica de grande expressão cultural, mesmo sabendo que até “Machado” era um “best-seller” em seu tempo.

Uma obra literária, seja best-seller ou cânone, deve ser considerada de grande valia, para que os leitores futuros possam adquirir mais conhecimento, Por meio de leitura de textos literários o ser humano pode se transportar ao mundo dos sonhos e da fantasia, viajar no tempo e no espaço. Ler, dentre todos os atos da inteligência, é o mais sublime, pois pressupõe o ato de escrever, que nada mais é do que o veículo que nos permite conhecer a humanidade através dos tempos. Na sociedade atual onde vivemos sempre correndo conta o tempo o tornar-se leitor é um privilégio. As obras de escritores, que não são conhecidos de um grande público ou, mesmo, objetos de estudos acadêmicos, deveriam também ter um espaço nas estantes de livrarias, nas escolas e na vida das pessoas, pois, como já dito, o gosto de cada um deve ser considerado e compreendido.

Segundo Márcia Abreu:

Não podemos avaliar uma obra de um contexto histórico de uma época, ou até mesmo com algumas obras sem avaliar outras produções sem considerar seus leitores, seus gêneros e a sociedade em que a obra se insere. Uma obra pode ser lida por diversas pessoas e ter diferentes significados, portanto o valor estético não pode ser baseado em um único grupo. (2004, p. 58)

A separação entre uma obra literária boa e ruim precisa ser avaliada e reavaliada, visto que as obras estão localizadas em um tempo. O que inclui percebê-las por um viés que privilegie certos aspectos estéticos, políticos, ideológicos, temáticos. Hoje se classifica como literatura “ruim” quase tudo o que se torna popular, muitas vezes, sem embasamento crítico, uma obra pode carregar o rótulo pessimista como verdade popular. Claros exemplos fazem parte dessa visão, entre eles as séries: *Crepúsculo*, *Harry Potter*, *Game of Thrones* etc. Apesar das críticas negativas espalhadas aos quatro cantos, as séries conquistaram milhares de fãs no mundo todo e tornaram-se “best-sellers”.

O questionamento aqui vai além. Se tais obras possuem narrativa bem empregada, enredo significativo ou personagens que se tornaram referência, não vem ao caso (esse é o tipo de reflexão que deve ser feita em outro momento). A análise aqui é outra: os livros tornaram-se populares, ganharam o gosto das pessoas, trouxeram novos leitores ao perigoso

mundo dos livros, e renderam milhões em faturamento. *Harry Potter* e *Game of Thrones* são exemplos importantíssimos para se citar. Muitos dos atuais leitores fervorosos iniciaram sua vida de leitura com tais livros ou semelhantes a eles.

Todos já lemos (iniciantes ou não) um livro de narrativa fácil e de linguagem simples e atual. É muito difícil para um “não iniciado” começar seu processo de leitura literária com livros de linguagem difícil compreensão, com narrativas muitas vezes cansativas e complexas. Muitas vezes, quando forçado a isso, ele começa a ter a visão contrária da leitura e ao livro.

Ler um livro “simples” – adequado ao grande público – não significa, por outro lado, que um leitor não poderá, em outro momento, ler um livro “de mais prestígio” ou, mesmo, complexo. Pode-se pensar que livros “fáceis” é a porta de entrada para se conhecer e adentrar em outras linguagens literárias.

A experiência literária te faz ser seletivo. E essa seleção é natural, automaticamente, você terá classificado os livros bons e ruins para você, o que não necessariamente reflete o gosto da sociedade. Lembrando também, que os clássicos de hoje já foram populares um dia. Escritores também precisam de dinheiro, e muitos deles escreviam aquilo que o público-leitor gostaria de ler.

4 - O que é ler Literatura?

A leitura literária tem um poder incrível no processo de aprendizagem, e isso acontece por uma razão muito conveniente e relevante. No contato com o texto literário, pode-se perceber a possibilidade de formação de um futuro leitor de textos em pelo menos três escalas. Esses comportamentos e práticas sociais de leitura e de escrita foram adquirindo visibilidade e importância à medida que a vida social e as atividades profissionais tornaram-se cada vez mais centradas e dependentes da língua escrita, revelando a insuficiência de apenas alfabetizar – no sentido tradicional (que se preocupa somente em ensinar a decifrar códigos, a ler e escrever) – a criança ou o adulto.

Todo ato de leitura é realizado pela compreensão e interpretação de textos, sejam eles literários ou não. A partir do conhecimento que o leitor vai assumindo progressivamente, através do seu conhecimento de mundo, das informações que já possui sobre aquele determinado assunto, sobre o autor do texto, estas características são fundamentais para se compreender a linguagem, o ato de ler não se resume só na decodificação da letra ou da

palavra, ele implica-se em uma atividade elaborada por estratégias que antecipam, verificam e faz inferências, na qual sem estas não seria possível alcançar a proficiência do indivíduo.

Verificamos o livro *A odisséia de Homero (Segundo João Victor)* de Gustavo Piqueira, que nos mostra como um aluno do ensino fundamental se depara com um clássico da literatura e precisa fazer um resumo para passar de ano, de acordo com sua narração podemos notar a fragilidade deste aluno do 6º ano que na correria pega a versão completa da “Odisséia” e escreve conforme seu entendimento.

Trazer clássicos para a cabeça dos jovens que não tem o costume de ler fica complicado, e, cada pessoa fará sua leitura de acordo com sua. Conforme somos introduzidos ao mundo dos livros iremos automaticamente fazer nossas avaliações e tomar as decisões do que será uma boa literatura e o que é ler literatura, iremos começar a nos questionar sobre esta literatura e o no que ela pode vir a ser para as nossas vidas.

Geralmente quando pensamos em leitor imaginamos o leitor literário aquele que usa seu tempo com leituras de livros de literatura também podemos pensar no leitor que lê diversos conteúdos não por prazer, mas também por obrigação de seu cotidiano.

Pensando na vida das pessoas hoje em dia podemos dizer que a literatura está praticamente em terceiro plano, pois não é uma ação corriqueira em nossas vidas. Mas, como afirma o pesquisador CHARTIER (200, p. 27), “não basta fazer uma divisão grosseira entre analfabetos e alfabetizados, pois todos aqueles que podem ler textos não o fazem do mesmo modo”. Além de haver graus de conhecimento diferentes, que levam a leituras mais ou menos competentes, também muitos outros fatores interferem nas maneiras de ler: os interesses, os hábitos, as intenções e as técnicas de leitura determinam relações variadas com os textos. Para Chartier, “uma história da leitura deve, pois, levar em conta, as formas de compreensão, apropriação e utilização dos textos”.

Já dissemos que a leitura literária nos traz conhecimentos de diversos assuntos, faz nos tornarmos cidadãos pensantes, mas nossas escolas estão precárias em relação à leitura de seus alunos, há dificuldades em diversas áreas, primeiro os acervos nas bibliotecas escolares não trazem exemplares o suficiente para suprir as leituras de seus alunos, segundo os professores não conseguem estimular a leitura em seus alunos tanto pelo fato de não haver tempo o suficiente para lerem as obras e também pela resistência desses alunos que acham a leitura difícil e sem muita importância.

Como futuros profissionais de língua portuguesa e amantes de leitura, queríamos ver mais leitores nas salas de aulas, mas sabemos que a realidade é totalmente diferente, a maioria

dos estudantes hoje não recebem uma formação literária desde sua infância e automaticamente não se atraem pelo hábito de ler e escrever. BAKHTIN (1992, p.116) vai nos dizer que:

Um aluno que é apresentado à linguagem e seu caráter dialógico vão ter mais facilidade de entendimento, uma vez que a compreensão para este autor trata-se de um processo que envolve o sujeito e as experiências sócio-históricas e culturais que o constitui o sujeito leitor percebe os efeitos de sentido do texto de forma crítica.

No que refere - se à leitura, Bakhtin propõe um processo de interação entre o leitor, o texto e o autor tal como a leitura interativa a concebe. Tomando a leitura como um ato de interação entre os sujeitos, esse estudioso suscita a relação de cooperação entre esses três elementos, uma vez que, no processo de produção de sentido as significações são edificadas por meio das informações elaboradas por cada um desses três elementos. Essa postura de cooperação, segundo Freitas (2005, p.89), é necessária porque “um leitor para se tornar protagonista do processo de compreensão é importante que este aceite a colaboração dos outros, vez que somente outra consciência pode compreender e atribuir sentido ao que o locutor enunciou”.

A leitura deveria ser automática, pois estamos diante dela desde a infância com as canções de ninar, as histórias dos mais velhos, a arte, a música entre outras formas de contato com a literatura, pressupomos então que a família é uma base essencial para a formação de futuros leitores, mas nem sempre estas famílias têm um suporte para formar estes leitores.

Desde muito cedo os livros fazem parte de nossas vidas, as gerações do século XX foram criadas em bibliotecas tendo a mesma no processo de formação, seus trabalhos eram feitos manualmente, e conseqüentemente as leituras para tais trabalhos, diversas formas de leitores podem ser identificados neste universo.

Há aqueles que gostam de lêem deitados, outros sentados, outros lêem em grupo já outros gostam de ler sozinhos como nos lembra Ricardo Paglia (2006, p.19,25) “sempre há uma ilha onde sobrevive um leitor onde a sociedade não existe”. Dom Quixote e Madame Bovary eram leitores compulsivos e viviam fora da realidade, tinham seus próprios modos de leitura e acreditavam nas ficções lidas. “Na literatura, o leitor está longe de ser uma figura normalizada e pacífica” (p. 21). Assim, em um ligeiro e cuidadoso passeio pelas leitoras e pelas leituras contemporâneas, já, para lançar a ponderação inicial, aproveito-me do aviso: “Rastrear o modo como a figura do leitor está representada na literatura supõe trabalhar com casos específicos, histórias particulares que cristalizam redes e mundos possíveis” (p. 21). A

literatura tem o dom de educar, e também tem a função de persuadir e convencer seu leitor em uma ilusão ou em personagens e histórias fictícias, o leitor é também avaliador e tem o poder de dizer não ao texto de não ser convencido por ele, pois nem toda leitura seduz todos os leitores.

Literatura é instrumento de ensino. O ato de ler, de receber um texto, propõe uma recíproca: o sujeito leitor lê o texto e é lido por ele. Este sujeito compreende o texto e é compreendido por ele. A escolha pelo literário se dá, então, em virtude das possibilidades de sentidos que este abre para o leitor.

Cada ato de leitura é um infinito particular e só conseguimos capturar a representação dessa leitura, mas nunca a leitura em si.

5 - Há de fato um leitor literário? E este leitor pode ser formado pela escola?

Somos leitores desde a infância, quando nos contam uma história e tentamos desenhá-la isso é uma leitura, podemos viver sem aprender a escrever, mas não sem ler, com as histórias que ouvíamos podíamos entrar no mundo da fantasia. No livro *A História da Leitura* (Manguel, 1997), as imagens da Europa Medieval ofereciam uma sintaxe sem palavras ao qual o leitor silenciosamente acrescentava uma narração, em nosso tempo deciframos imagens de propagandas de videogame, cartuns emprestando histórias não só uma voz, mas também uma gama de vocabulários. Reunir-se para ouvir alguém ler era prática comum na Idade Média, pois livros eram poucos e privilégios dos ricos, com o passar do tempo podemos notar várias formas de leitores, aqueles que lêem desde jornais à revistas em quadrinhos, aqueles que lêem tudo o que vê anúncios de outdoors, sinais de trânsito, uma peça de Ópera, um mapa, todos podem ser considerados leitores, com o passar do tempo, e com uma bagagem já ampla e consciente, podemos logo depois escolher nossas próprias leituras.

Somos leitores formados pelo desejo de encontrar aquele livro que nos faz bem, é o momento de fruição consigo mesmo. Essas duas formas de leitores podem também servir de molde ou ainda “base” para formas de se pensar o leitor.

O leitor ingênuo, aquele que se move pelo desejo da leitura, pela fruição do que existe no texto, lendo apenas o que a imaginação promove e pensando na arte como uma forma de fuga, ou de leitura de mundo que inspira e dissolve-se no âmbito do imaginário. Esse leitor se emociona, deixa-se tomar pela leitura como um sopro de deuses. Entristece-se com os

destinos das personagens, ama quando amam, cuida para que a personagem cure-se de uma doença e deseja-lhe o melhor dos finais.

A educação literária como já dito mais acima tem como objetivo formar leitores mais críticos e competentes, aquele leitor que sabe decodificar um texto e entender suas várias funções atribuindo-lhe um sentido e, mais, relacionando-o com as experiências vividas e o compartilhando socialmente.

A escola terá seu momento de mediação com esses futuros leitores e a família deve fazer parte do processo formador deste leitor, percebemos que estes alunos de ensino fundamental e médio estarão prejudicados em seu processo de leitura. Segundo KLEIMAN (1996):

O fracasso na formação de leitores provoca o insucesso geral do aluno nos ensinos fundamental e médio, o que significa dizer que o ensino de leitura é fundamental para solucionar os problemas relacionados ao pouco aproveitamento escolar, uma vez que constitui exigência presente em todas as disciplinas acadêmicas ofertadas pela escola. (KLEIMAN, 1996, p.39)

Daí a responsabilidade pela orientação da leitura e pela formação do aluno-leitor não ser exclusiva dos professores de Língua Portuguesa, mas também dos professores das outras disciplinas. Interlocução com outras disciplinas seria de grande valia para que a leitura corresse livre para os alunos do ensino fundamental e médio, uma vez que quando a escola trabalha em conjunto com todos os seus colaboradores a tendência é que o processo de leitura seja mais bem aproveitado.

A leitura recreativa é basicamente uma leitura para fruição, através da qual o encontro entre o leitor e o texto se realiza no plano do sentir, dos afetos, do imaginário e dos gostos pessoais, modelando a subjetividade e o conhecimento do mundo dos leitores.

O conceito de leitura recreativa faz recair a sua função na subjetividade do leitor durante o ato de ler, no seu prazer na relação com o texto, o que obviamente tem implicações nas escolhas dos textos. Toda a leitura é um ato cognitivo e subjetivo, mas nem toda a leitura tem por finalidade a fruição e o gosto dos leitores.

A leitura recreativa, para poder transformar-se numa leitura de prazer, deve proporcionar ao leitor o encontro com o lugar de reinvenção das palavras e do mundo, como quem lança a semente da qual nascem novas leituras e estas tornar-se-ão tanto mais ricas quanta a capacidade de invenção dos leitores.

O professor deve ser também um leitor para saber contribuir na formação dos seus futuros alunos/leitores, o professor deve saber selecionar os textos/obra, mas também ser

aberto à opinião do seu aluno para que ele no futuro tenha autonomia em escolher seu repertório que o seguirá por uma vida toda.

Em relação à leitura, percebe-se que a sociedade atribuiu à escola o papel de formar leitores, todavia o que se vê são, com honrosas exceções, equívocos ao se julgar que o leitor se forma sozinho e que a leitura é apenas fruição. A escola é espaço para aprendizagem, por isso a leitura também precisa ser ensinada aos alunos que necessitam de mediadores que mostrem caminhos de leitura, indique títulos, revele o prazer que as palavras proporcionam que lhes assegure que não se deve ler apenas para uma prova.

CAPITULO II

6 - Uma breve análise do livro A odisséia de Homero (segundo João Vítor), do escritor Gustavo Piqueira.

Até agora, debatemos e teorizamos seu tema central: o “preconceito literário” na sociedade, que inclui os meios acadêmicos e escolares sendo que os meios literários sempre são mais criteriosos e acabam influenciando nas opiniões, dando ênfase ao que seria uma boa literatura, quais os mecanismos para que o hábito de ler torne – se costumeiro. Partiremos agora, para análise da obra A Odisséia de Homero (segundo João Vítor), do escritor Gustavo Piqueira, obra que nos faz refletir como futuros professores como devemos abordar algumas literaturas que muitas vezes os alunos não têm acesso, e quando esta obra chega até eles é de modo não atraente fazendo com que se torne uma literatura maçante e cansativa.

A *Odisséia* é um clássico, um dos mais antigos personagens andarilhos de que se tem notícia é o rei de Ítaca, Odisseu, protagonista da épica homérica que leva seu nome, Odisséia. A obra muito possivelmente concebida entre 800-900 a.C. - é fundamentalmente um poema de regresso, do *nostos*¹ grego que nos levou à palavra "nostalgia", isto é, a dor produzida pela vontade de retornar. Marido leal, eterno viajante, anti-herói, Odisseu usa disfarces e estratégias para voltar ao lar, não sem antes conhecer inúmeras paragens fantásticas, romanescas ou naturais.

A estrutura do épico acontece através de 24 cantos, onde Ulisses tenta voltar para sua casa, mas não consegue, pois foi submetido a provas que duraram dez anos. Sua esposa o aguardava e tentava não sucumbir aos desejos da população que acreditavam que seu esposo estava morto e desejavam que ela se casasse novamente para que fosse escolhido um novo rei.

A *Odisséia* perpassa por uma vasta gama de mitologia e personagens épicos como: Poseidon Deus dos mares, Calipso a ninfa que fica na ilha de Ogígia e se apaixona por Ulisses e o mantém preso por sete anos, Hermes é o mensageiro dos deuses, Circe a feiticeira que transforma sua tripulação em porcos, Atena Deusa da sabedoria, Ciclope são gigantes imortais de um olho só cruzamento de Poseidon com ninfas e Telêmaco seu filho, esses personagens terão uma grande influência na odisséia de Homero até seu retorno a Ítaca.

Se formos colocar a Odisséia em um papel fundamental para a formação de leitores teremos a incumbência de dizer que esta obra canonizada trará conceitos para quem a lê, e

¹ Nosto refletido na nostalgia, alcança o ato criativo, como o reconforto de alcançar, através da obra, alguma coisa perdida. É narrado o significado do retorno para Ulisses Homérico e Ulisses Joyceano....Por ser também a alegoria do mito que é fundamento do Ulisses Joyceano, inspirado no Ulisses Homérico.

talvez conceitos não tão satisfatórios. Se no passado ler, escrever e contar eram os saberes primários garantidos pela família e escola, no mundo contemporâneo a valorização da leitura entrará em segundo plano na vida das pessoas e nas escolas.

As aptidões que se exigem hoje a cada cidadão são multidisciplinares e uma formação cientificamente exigente deve integrar-se num processo de formação ao longo da vida, numa dialética de investigação/ação. A vinculação do desenvolvimento da humanidade à leitura e à escrita e a sua transversalidade, em toda a relação homem/mundo, tornam estas competências determinantes na dinâmica do processo ensino/aprendizagem.

Em meio a tantos questionamentos sobre a literatura e o leitor, eis que surge a *Odisséia* de Homero (segundo João Vitor), do escritor Gustavo Piqueira que trás o personagem João Vitor, com a singular alegria de um jovem do 6º ano que tem apenas uma noite para elaborar uma análise da *Odisséia* para um trabalho de escola, mas como todo típico adolescentes deixa para a última hora. Só que, por engano, retirou da biblioteca a versão integral do épico de Homero, não a versão "adaptada" à sua idade.

Agora ele se vê preso a um livro de mais de 400 páginas, nada fácil de entender e com muitas passagens “chatas e repetitivas”.O resultado, como é de se prever, não sai dos mais brilhantes. Pelo contrário, trata-se provavelmente da mais “amalucada e absurda” leitura das aventuras de Ulisses jamais realizada.

O autor constrói uma leitura do que seria a realidade por um leitor inexperiente, João Vitor reinventa a historia fazendo comentários com uma resenha critica (espécie de recontar a historia a partir para lá de engraçada e com ilustrações cômicas João Vitor como todo leitor inexperiente escreve tudo o que entende sobre sua leitura. A interpretação do João Vitor nos deixa com uma incerteza do que realmente está escrito no livro – além de “lermos o pensamento” dele enquanto escreve – risadas garantidas!

João Vitor já começa o dialogo com sua professora Denise, questionando o nome de Homero por que ele não tem um sobrenome, inventivo, João já começa sua leitura de *Odisséia* dando um sobrenome para o autor, Silva, “um sobrenome comum para não ter muitas chances de errar. Culpa da bibliotecária que deixou somente Homero escrito na ficha”.

Professora, na edição que peguei da biblioteca não havia sobrenome do autor, apenas o primeiro nome, Homero. Como todo mundo tem sobrenome, coloquei um bem comum. Um chute confesso. Se errei, quero apenas deixar claro: a culpa não foi minha, mas sim da biblioteca do colégio que empresta livros incompletos a seus alunos, pouco se lixando se alguém repetir de ano por causa disso. (PIQUEIRA, 2013. p. 7).

Ao longo de sua escrita, ele mistura cenas de seu cotidiano tendo por referência seu universo familiar e novelas de TV. Aproveita várias oportunidades para deixar recadinhas à professora, ressaltando seus esforços para "aprimorar" o livro original, corrigindo os erros e as "burrices" do autor "Homero da Silva".

Do ponto de vista de João Vítor, Ulisses, além de ser um “galinha” que traiu "a submissa Penélope (...) com metade das mulheres e deusas do mundo", é um bandido.

Não há outra palavra para definir Ulisses a não ser essa professora Denise. Ladrão, assassino e seqüestrador? Bandido. (PIQUEIRA, 2013 p. 62)

A partir daí, começamos numa pequena jornada de confusões, criações mirabolantes e comentários engraçados do personagem. Farofeiros, churrascos, músicas de axé e BMWs são apenas algumas das bizarrices inseridas em *Odisséia de Homero* (segundo João Vítor).

Tão divertidas e relevantes quanto o texto, é o diálogo que se segue com a professora Denise notamos com as letras em *Itálico* e **negrito** dentro do texto. Numerosas ilustrações² nos mostram como João Vítor "vê" a história, no livro também iremos encontrar o ponto de vista do autor da obra e uma breve enciclopédia da *Odisseia*.

Na narração de João Vítor o Deus Hermes, transforma-se em motoboy dos deuses, e os muitos churrascos que Ulisses faz na praia, com seu bando de farofeiros são exemplos inesquecíveis.

“Ulisses e seu bando chegaram, então, à terra dos ciclopes, horríveis gigantes de um olho só. Após desembarcarem na praia, o que escolhem fazer? Descansar? Não. Banho de mar? Não. Frescobol? Não. Churrasco. Churrasco! Outro churrasco, professora Denise! Deve ser o vigésimo, e ainda estamos no capítulo nove! Vou lhe dizer uma coisa: nunca vi povo tão farofeiro quanto esse. Dia sim, dia não, tem churrasco na praia!” (PIQUEIRA, 2013. p.63)

Em um primeiro momento João tenta justificar a sua recuperação dizendo a professora Denise que havia perdido a aula devido a um problema de saúde em sua família, mentira atrás de mentira.

“Sérios problemas de saúde na família me forçaram a faltar na prova, mês passado, juro”. (PIQUEIRA, 2013. p.11)

Ele continua sua narrativa misturando a miséria na África, o massacre na Ásia, tudo para justificar sua recuperação. João Vítor em sua “pouca experiência” como leitor tenta definir

² Imagens do livro em anexo estarão dispostas ao final das referências.

por que a *Odisséia* foi escrita em cantos e não em capítulos deixando sua explicação para lá de inusitada.

“Neste livro os capítulos chamam- se cantos não capítulos... Talvez por que o livro deva ser cantado e não lido o que o tornaria a maior musica do mundo... Ou, quem sabe, *Homero da Silva* tenha feito isso apenas para deixar a *Odisséia* diferente. (PIQUEIRA, 2013.p. 13

João Vitor tem outro “*problema*” a enfrentar seus pais o proibem de usar a internet de casa depois da 21hs obrigando - o a ler a *odisséia* sem discutir, afinal de contas ele já estava com o livro há algum tempo e parecia obvio para seus pais pensavam que ele já o havia lido. Ou seja, deveria correr contra o tempo se quisesse passar de ano.

No *canto I*, a *Odisséia* inicia-se com a história de Telêmaco e Penélope, respectivamente filho e esposa de Odisseu. O herói saiu de casa para a Guerra de Tróia quando o filho tinha apenas um mês de idade, e passou vinte anos ausentes – dez na guerra e mais dez no regresso. Enquanto isso, 108 pretendentes batem à porta de Penélope, tentando convencê-la que seu marido morrera e ela deveria casar-se novamente.

Enquanto isso, como é comum nos poemas épicos gregos, acompanhamos uma rixa entre os deuses do monte Olimpo e como ela influenciará o destino dos homens. Quando Poseidon (o deus do mar) pretende castigar Ulisses por ter segado seu filho o Ciclope Polifermo, Atena resolve discutir seu destino com Zeus na ausência de Poseidon a protetora de Odisseu clama a Zeus pela libertação de Ulisses. Ela desce à terra e, ao testemunhar a forma inapropriada como os pretendentes de Penélope se comporta, resolve ajudar Telêmaco a encontrar o pai, entregando a ele navio e tripulação.

Canto II, os deuses se reúnem, em assembléia, novamente. Após atender solicitação de Atena, Zeus dá o encargo a Hermes que ordene a Calipso permitir que Ulisses parta, após sete anos de retenção. Uma jangada é construída por Ulisses. Nela se encontrava navegando quando é colhido por uma tempestade. É atirado na Ilha dos Feaces. Adormece. Quem o encontra e dele procura cuidar, acolhendo-o em seu palácio é Náusica, a filha do Rei Alcínoo. Ulisses dá prova de sua forte compleição atlética quando participa no jogo da projeção do disco que é promovido em honra de Náusica, saindo vitorioso da disputa. Sua volta à pátria estava prestes a concretizar-se.

Segundo João Vitor, “não existe um deus chamado Poseidon e muito menos seu filho chamar – se “Ciclope Polifermo”, com muita sinceridade ele fala de suas crenças questionando a professora de que Deus só existia um:

“Começou mal, hein? “um Deus Chamado Poseidon”? Como assim professora Denise? Não faz sentido, Deus só tem um, e ele se chama Deus mesmo....E seu filho se chama Jesus e não sabe dizer o que é uma ninfa a única coisa que ele diz estar certo é o fato de que Ulisses é casado e não poderia casar – se novamente”(PIQUEIRA.2013.p.16.

Hermes como mensageiro torna – se “*motoboy dos Deuses*” para intimidar Calipso a libertar Ulisses. Atena vai até Ítaca para ajudar o filho de Ulisses o jovem Telêmaco, mas antes disso transforma – se em “*Mentes*” um homem.

“Mentes não é nome, professora Denise, não seria “*Mendes*”? conheço um, da oficina aqui da rua de traz. O Mendes ou Mendão como o meu pai chama. p.17

“Professora Agora estou na duvida se chamo Atena de “o” ou “a”, agora que ela mudou de sexo. O que devo fazer? Hoje em dia é um assunto tão delicado, não quero soar preconceituoso. p 17.

João sendo muito sincero faz seus questionamentos com a professora em seu texto ressaltando que desconhece algumas palavras e ainda coloca seu ponto de vista quanto ao seu entendimento.

“...Acredito que deu para entender o principal: o guerreiro Ulisses não pode voltar pra casa, pois está preso numa ilha. Enquanto isso, um bando de cafajestes pensa que ele morreu e se diverte em festas no seu palácio.....sinceramente daria para contar esta historia de um jeito bem mais curto e interessante, como acabei de fazer, professora.Homero da Silva não é um bom escritor. Desculpe se ele for seu parente ou amigo”. p. 21

Em sua cabeça o filho de Ulisses Telêmaco torna – se um bebê chorão e molengão, por que em sua cabeça enquanto seu pai está desaparecido e sua mãe esta sendo pressionada por homens que querem que ela case novamente ele só sabe reclamar. A sua contextualização com sua vida cotidiana fica bem evidente quando ele dizque não perceberam a jogada de Penélope em costurar uma mortalha e desfazer a mesma por que bebiam muito, coloca sua vizinha e seu pai no meio da narrativa.

“Meu pai fica assim, todo domingo. Nem terminamos o almoço e ele já está zureta, matraqueando bobagem com voz pastosa... Tenho certeza que se todo dia fosse domingo Penélope conseguiria enganá-los também. Não simpatizei com Telêmaco, só reclama....Antínoo, fala em publico que a mãe do rapaz não é honesta..... se é com minha mãe, parto pra cima e arreberto. Na hora.” (PIQUEIRA. 2013.p. 22,23.

Telêmaco com ajuda de Atena segue viagem pedindo a criada que não conte nada a sua mãe até que tenha se passado onze ou doze dias.

“Professora, professora... se há um herói nessa historia toda, sou eu. Eu mesmo, João Vitor, por aguentar tantos absurdos. Acompanhe”. (PIQUEIRA. 2013.p.25)

Chegando ao porto, o mimado playboy encontra tudo prontinho: navio, armas, e remadores de longos cabelos. Atena sopra um vento favorável e a embarcação zarpa.

“É demais, né? O cara não faz nada! nada! Até para soprar o vento ele precisava de ajuda!...e por que Atena escolheu uma tripulação de cabeludos? Cabeludos são melhores marinheiros”.(PIQUEIRA.2013.p.28)

No capitulo três, ele simplesmente diz que o molengão não está preocupado com seu pai e sim saber da morte de um “sei lá quem chamado Agamenon” e fazer churrascos, a noite mais um churrasco e um banho de azeite. “O gosmento e temperado jovem senta – se a mesa devora alguns espetos e carne e parte de charrete.” Tremendo desperdício de papel. (PIQUEIRA. 2013.p.32,33).

No canto V ele diz que tudo torno – se culpa dos Deuses por que coloca em sua bebida uma droga que o faz esquecer-se de tudo, pensando neste episodio João Vitor lembra que seu pai certa vez colocou a culpa de suas escapadas no governo. (PIQUEIRA. 2013.p.37).

Sua confusão é tão grande que confunde BMW³ com DNA⁴, para falar que isso é de família ser chorão.

“Ta doido professora Denise! Está no BMW da família serem todos chorões? É BMW, né? O nome daquilo que passa de pai para filho? Ou BMW é o carro? Acho que BMW é o carro....NMA? não, não.MMA é a luta.”(PIQUEIRA 2013.p.40)

Seu amigo chamado Fumaça entra na narrativa para que ele peça ajuda, pois em suas contas o livro deu um salto gigantesco e se o livro estivesse faltando páginas o que segundo ele não seria nada impossível.

³A BMW nasceu em 1916, inicialmente como fabricante de aviões. Nessa altura a empresa alemã fornecia motores para aviões militares usados na Primeira Guerra Mundial.

Quando a guerra terminou os aviões militares já não eram necessários e todas as fábricas que se dedicavam apenas à construção de veículos de guerra, como o caso da BMW, assistiram a uma queda dramática da procura e foram forçadas a parar a produção. A fábrica da BMW também fechou, mas não permaneceu assim por muito tempo. Primeiro vieram às motocicletas e depois, com a retomada da economia, começara a surgir os primeiros automóveis da marca.

O emblema da BMW foi criado e registrado em 1917, depois de uma fusão entre a BFW (Fábrica Aeronáutica da Baviera) e a BMW – o nome BFW foi extinto. Esse registro foi efetuado por Franz Josef Popp, um dos fundadores da marca alemã.

⁴DNA ou ADN em português é a sigla para ácido desoxirribonucléico, que é um composto orgânico cujas moléculas contêm as instruções genéticas que coordenam o desenvolvimento e funcionamento de todos os seres vivos e de alguns vírus.

Fumaça, como você fez a prova sobre o livro, semana passada, achei melhor conferir... Quando Telêmaco está em Pilo e os penetras e os penetras tramam a sua morte, o livro pula direto para Calipso falando com o motoboy? O que é Pilo? Como assim?... Como não tinha esta parte, fumaça? A Odisséia, isso mesmo. É a Odisséia de Homero da Silva... Mas vai ainda tenho trezentas paginas para ler... Como assim a sua tem quarenta e sete?... (PIQUEIRA. 2013.p.46, 47,49).

Ao longo de sua narrativa João Vitor fica inconformado com as atitudes de Ulisses o poodle farofeiro, que deixa sua tripulação morrer para salvar a sua vida, suas investidas em todas as mulheres e Deusas que ele encontra também não seria atitudes dignas de um rei.

O cansaço finalmente o pegou e ele adormece tendo sonhos terríveis, tamanho é seu desespero que o livro não presta e mal escrito e nunca chega a lugar algum que em seus sonhos tudo fica mais simples.

“Enfurecido, o rei Alcínoo se ergue com violência e manda Ulisses calar a boca, imediatamente. “E não me chame de Al, que não sou seu amigo!” Assustado, Poodle começa a chorar. Prometo que não abro mais a boca, majestade. Prometo! Ainda mais se você trouxer algumas mulheres para me distraírem”. Alcinoo aceita a sugestão e manda Suely a loira siliconada chega sambando, escoltada por meu pai no pandeiro. “Imediatamente, corpos começam a voar na sala do palácio e todos se protegem em baixo das mesas, gritos de “Luiz Otavio seu canalha” ecoam pelo recinto dourado “(PIQUEIRA 2013.p. 98).

Como ele havia caído no sono, sua única alternativa era terminar de escrever sua resenha dentro do ônibus, imagine só a confusão. Os cantos quatorze e quinze são bem curtos, pois... “Estou dando uma acelerada, tá? Mas fique tranquila, professora! Todo o essencial da historia está aqui, não deixei escapar nada!” (PIQUEIRA 2013. p.12)

Enquanto ele escrevia, eis que surge um contratempo no ônibus.

“Desculpe, senhora, mas os assentos estão ocupados. Sim, os dois. Neste aqui estou eu, neste outro os livros. Sim, senhora, estou vendo suas duas sacolas. Infelizmente, eu e os livros chegamos primeiro, não podemos lhe ceder o lugar. Não é tão ruim ficar em pé no ônibus. Exercite as pernas, a circulação do sangue. E não posso ficar de conversa mole, pois estou trabalhando”. p.125

João Vitor perde seu lugar no assento e para seu desespero, precisa terminar a sua resenha, ele então pede uma licença para um senhor que esta na sua frente.

“Senhor? Sim o senhor mesmo. O senhor, que parece tão bondoso poderia me ajudar? Não. Não é dinheiro. Eu queria pedir suas costas emprestadas por dez minutos. Isso mesmo, suas costas. Para quê? Para apoiar meu caderno e terminar de escrever meu trabalho... Dez minutinhos....O quê? Cinquenta Reais?... (PIQUEIRA 2013. p.136).

Finalmente no último canto João Vitor não entende nada, mas para ele A Odisséia era um livro péssimo e não seria no último que tudo iria mudar. Como no início de sua narrativa ele tenta novamente falar a sua professora Denise.

“ Professora Denise, acredito que este trabalho não apenas resume e comenta a Odisséia de forma magnífica, como também corrige muitos defeitos. E não foi fácil! Além de, ao contrário do resto da classe, ter sido forçado a encarar a versão completa da obra, enfrentei um sem-número de inimigos até chegar aqui...Gostaria muito de esperá-la, para, pessoalmente admirar o brilho da alegria reluzindo em seus olhos ao desfrutar das mais sensacionais frases jamais escritas por um aluno seu nesses duzentos anos como professora...(PIQUEIRA 2013.p.144).

Essa narrativa de João Vitor nos mostra que a leitura orientada faz sim toda a diferença, como já dito a Odisséia é um clássico e de difícil entendimento. Ler a versão original quando se é tão jovem, pode sim, nos levar a diversas interpretações. Foi o que aconteceu com o jovem João Vitor que nos levou à mais mirabolante aventura de Ulisses.

Considerações finais

Como definir o que é um leitor literário competente, e qualquer pessoa que pode desfrutar da literatura lendo? Todos os que completaram a escolaridade obrigatória ou estão nela deveriam ter competência mínima nessa área. Se depois de adultos não quiserem ler, é uma escolha, mas ninguém tem condições de tomar essa decisão se não conhece suficientemente esse universo.

Quando se tem convicção da função social da leitura e da necessidade de concebê-la como prática dialógica, que permita o intercâmbio de experiências vividas pelo leitor, torna-se evidente que não há e nunca haverá “receita” pronta que indique como formar o leitor “ideal”. Quem é capaz de, atuando numa turma heterogênea, respeitar as individualidades de cada um, provocar leituras múltiplas de um texto, atrelado a uma “receita” única? Emerge desse pensamento a relevância de um projeto interdisciplinar de leitura, em que a união dos esforços de todos os professores das disciplinas que compõem o currículo escolar está direcionada a um centro de interesse comum, nesse caso, a promoção da leitura, mas contemplando também objetivos específicos de cada disciplina e atentando, na medida do possível, para atividades que contemplem o exercício da cidadania.

Vale salientar que, para os autores ora citados, leitura não se resume na decodificação de signos, mas, é, principalmente, um trabalho de atribuição de sentido às coisas, de interação com o que se lê de interpretação dos signos, enfim, é um processo mental muito mais complexo: é um trabalho de produção. Leitura, nesse sentido, só pode ser participante e rica, em nível individual e social.

E é essa prática de leitura que se apresenta como possibilidade de divórcio com os laços ideológicos que fazem da escola espaço de reprodução do discurso da burguesia. Só adotando essa postura, a escola atinge sua razão de ser, retomando sua função original: a de ensinar o aluno a ler de forma integral. A arte literária se mostra como a concretização de um trabalho estético e linguístico muito rico que envolve o leitor em todos os sentidos.

Cabe ao professor selecionar os textos de acordo com a realidade de sua classe de alunos, de sua escola e de sua própria bagagem de leituras e compreensão textual. Utilizar a arte literária como objeto de reflexão: este foi o caráter desta proposta de TCC. Considerou-se a literatura como um recurso capaz de despertar no leitor uma percepção de mundo diferente, pois, com seus recursos, apropriados para narrar histórias, documentar, sensibilizar e emocionar constituiu uma sempre nova maneira de olhar o mundo e para as relações sociais com uma visão mais abrangente da realidade.

João Vítor em seu relato pessoal da Odisséia nos mostra o quanto precária esta a nossa concepção de leitura e mesmo assim sua narrativa toma um rumo tão autêntico que não há como não apaixonar – se pelas aventuras de Ulisses e principalmente não amar sua escrita sinceridade ao narrar essas aventuras. É irônico que saibamos tão pouco sobre João Vítor quanto sabemos sobre Homero, mas a verdade é que o livro *Odisséia de Homero (segundo João Vítor)* se sustenta apenas com o garoto criando sua própria versão da história clássica. Uma leitura rápida, muito agradável e que rende algumas risadas. Ficava a vontade de mais trabalhos de recuperação sendo feitos pelo garoto. Acho que consigo listar alguns calhamaços clássicos para indicar para o João Vítor...

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, M. Questões de literatura e de estética (A teoria do romance). 4.ed, São Paulo: Hucitec; Unesp,1998.
- BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental**: Os livros e a escola do tempo. Trad.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: DuasCidades, 1995
- Colomer, Teresa. (1999). **Introducción A La Literatura Infantil Y Juvenil**. Madrid: Editorial Síntesis
- COSSON, Rildo; SOUZA, Renata Junqueira de. **Letramento literário**: uma proposta para a sala de aula. UNESP, Agosto-2011. Disponível em: Acesso em: 07/01/2014.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. 2ª ed. 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2012.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: Teoria e Prática. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHARTIER, Roger - “Por uma Sociologia histórica das Práticas culturais”, In: _____, História Cultural: entre Práticas e Representações, (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990), p. 13-15.
- CHIARETTO. Marcelo. **Universidade Federal de Minas Gerais Letramento literário e recursos didáticos renovados para um educador cidadão**:<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/23457/23457.PDFXXvmi=> em: Acesso em: 10/2018.
- KLEIMAN, Ângela. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. In: KLEIMAN, A. (org.) Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.Campinas: Mercado de Letras, 1995, p.15-64
- LAJOLO, Marisa. **O texto não é pretexto**: será que não é mesmo? In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tânia (Org.). Escola e leitura: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009. p. 17-40.
- LAJOLO, Marisa **O que é Literatura** – 10. Ed – São Paulo: Brasiliense , 1989, pg 98.
- MELO. Márcio Araújo de (Via Atlântica, São Paulo, N. 28, 161-176, Dez/2015 1 7 5)Entre Livros, Leitores E Realidade
- PIGLIA, Ricardo. **O último leitor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
<http://portal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal/195>
- ROUXEL. A - **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013 - academia.edu_____. Literatura: modos de ler na escola. In: XISemanadeLetras. Anais. Disponível: 03/2018

<https://citacoes.in/citacoes/597692-cora-coralina-a-verdadeira-coragem-e-ir-atras-de-seus-sonhos-mes/>. Disponível em: Acesso em: 07/008/2018

Silva, Vítor Manuel de Aguiar. (1984). **Teoria da Literatura I**. Coimbra: Livraria Almedina. 6^a ed.

<https://homoliteratus.com/a-literatura-boa-e-a-literatura-ruim>. Acesso em: 25/05/2018

<https://www.razaoautomovel.com/2016/03/historia-do-logotipo-da-bmw> Acesso em: 11/11/2018. 20:20

PIQUEIRA. Gustavo. **Odisséia de Homero (segundo João Vitor)** - 1. Ed - - São Paulo: Editora Gaivota, 2013.



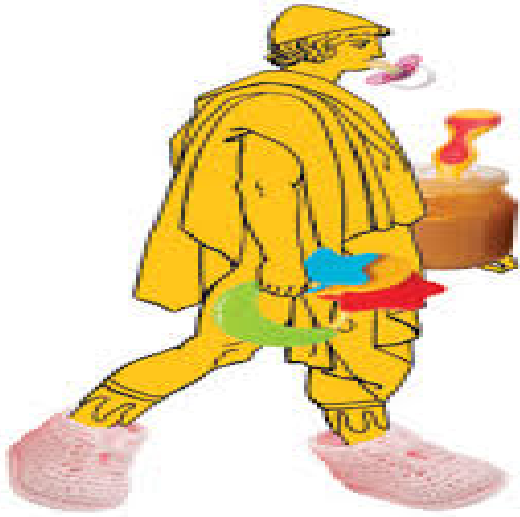


CANTO 1 **M**uito me espanta que o Fumaça tenha conseguido passar na prova, burro como é. Meu melhor amigo e craque de bola, mas seu cérebro deve ser um maço de couve. Ele só pode ter colado, professora. Só pode. Não encontro outra explicação. Pois a *Odisseia* é, disparado, o livro mais difícil que já li. Disparadíssimo. E olha que já foram quase dez, hein? É. Quase dez livros! Não imagine, porém, que eu não tenha lido a lista enorme que os outros professores passam, ano após ano. Li, li, li praticamente todos. Não colo nunca, professora. Nunca. Se há uma característica que define a mim, João Vitor, é a honestidade. Jogo aberto, professora. Comigo, é jogo aberto! O fato é que leio a grande maioria na versão da internet. São melhores. Curtinhos, resumidos. Vão direto ao ponto, sem enrolação. Ora, valem igual, não? Valem igual. Os quase dez a que me referi são de papel. Quase dez livros de papel. Bastante, na minha opinião. E nenhum, absolutamente nenhum, era desse jeito. Hoje, contudo, nada de versão curta na internet. Passa das dez e meia da noite, só posso conectar daqui de casa até as nove. E, como preciso entregar este trabalho amanhã cedo, dei azar. Resta encarar esse tijolão de papel...

Sim, já sei o que está pensando neste exato instante, professora Denise: por que o pobre e honesto João Vitor não chama seus pais e pede para abrirem uma exceção? Um diazinho com internet livre, diante de situação tão desesperadora? Parece razoável, concordo. Afinal, se eu não passar, repito de ano. O problema é que minha mãe perguntou, terça passada, se eu já havia lido o livro. Como eu

disse que sim, não posso voltar atrás. Mas não me entenda mal, professora Denise! Não foi mentira! Não, não foi! Deixe-me explicar. Eu quis dizer a ela que já havia lido *UMA PARTE* do livro. Entendeu? Uma parte. Talvez, na pressa, me esqueci desse detalhe e respondi apenas "sim, mãe", quando deveria ter dito "sim, mãe. Uma parte". Mas foi a pressa, professora Denise! A correria do dia a dia! Infelizmente, por culpa desse mal-entendido, ela acha que já li o livro todo. E, como anda meio sem paciência comigo, não vou cutucar a anta com vara curta. Errei, errei. É a onça. A onça. Não vou cutucar a onça com vara curta. Qual parte? Qual parte do livro eu havia lido? Ah. A capa. Terça passada, eu já havia lido a capa. A capa é uma parte do livro, ninguém pode negar.

Enfim, desculpe ter me desviado do assunto. Vamos lá, de volta ao



CANTO 1 Houve uma guerra na cidade de Troia. Todos os soldados que não morreram voltaram para suas casas, menos Ulisses. Um deus chamado Poseidon o amaldiçoara por ter cegado seu filho, o ciclope Polifemo, condenando o guerreiro a ficar preso na ilha de Ogiúgia, onde uma ninfa chamada Calipso o queria como marido. Mas Ulisses já era casado em sua terra natal, Ítaca, e queria voltar para a mulher.

Começou mal, hein? "Um deus chamado Poseidon"? Como assim, professora Denise? Não faz sentido. Deus só tem um, e ele se chama Deus mesmo. E seu filho não é nenhum "ciclope Polifemo", mas Jesus. Que, até o Fumaça sabe, foi crucificado, não cegado. Quem, então, é esse ciclope Polifemo? Também não sei o que é uma ninfa. De correto, só o fato de Ulisses não poder se casar com Calipso, mesmo se quisesse. Com duas pessoas ao mesmo tempo, não dá. É a lei. Seria necessário, primeiro, pedir o divórcio para a primeira mulher. Mas, com Ulisses preso à ilha, impossível encontrar a esposa e assinar a papelada da separação.



Ulisses estava havia dez anos na ilha de Calipso quando, aproveitando uma viagem de negócios de Poseidon à Etiópia, os outros deuses se reuniram. Atena, uma deusa, perguntou a Zeus – outro deus e, pelo visto, o chefe – por que não perdoavam Ulisses, já que ele sempre fora um cara certinho e devoto. Zeus concordou e despachou o motoboy Hermes até a ilha de Ogiúgia, para que intimasse Calipso a liberar o retorno de Ulisses a Ítaca.

Bom, professora, pelo visto, neste livro tem um punhado de deuses, então não vou mais discutir, ok? Se Homero da Silveira não sabe que só existe um Deus, problema dele. É tarde da noite, tenho o livro inteiro para ler e preciso passar de ano.

Satisfeita, Atena vai até Ítaca para encontrar o jovem filho de Ulisses, Telêmaco. No meio do trajeto, transforma-se em Mentis, um homem. Mentis não é nome, professora Denise. Não seria Mendes? Mendes é nome. Conheço um, da oficina aqui na rua de trás. O Mendes. Ou Mendão, como meu pai o chama.

Quando Mentis ex-Atena chega ao palácio, há uma festa no salão. Telêmaco saúda a/o visitante e a/o convida para entrar. Apesar do ambiente animado, Telêmaco está triste e se abre com Mentis ex-Atena.

Professora, estou na dúvida se chamo Atena de "o" ou "u", agora que ela mudou de sexo. O que devo fazer? Hoje em dia, é um assunto tão delicado, não quero soar preconceituoso.

